

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

OÊGRA LANDA LUIZA DA SILVA

**GEOGRAFIA E GÊNERO: ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO
ACADÊMICA BRASILEIRA NO PERÍODO DE (2019 A 2023)**

GOIÂNIA

2024

Oêgra Landa Luiza da Silva

**GEOGRAFIA E GÊNERO: ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO
ACADÊMICA BRASILEIRA NO PERÍODO DE (2019 A 2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Escola de Formação de professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção do título de Licenciado (a) em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Aparecida Zanatta

BANCA EXAMINADORA:

Prof. _____

Prof. _____

Prof. _____

Dedico este trabalho às mulheres da minha família que não tiveram a oportunidade de fazer um curso superior.

AGRADECIMENTOS

Aos Deuses, pela proteção, coragem e otimismo para vencer os desafios ao longo dos quatro anos de curso.

À minha avó Agripina Luiza do Nascimento (in memoriam), pelas boas histórias, dedicação e cuidado. A minha mãe Maria de Lourdes Luiza do Nascimento, que sempre trabalhou para que eu e meu irmão tivesse moradia, saúde, educação e conforto dentro do que podia proporcionar. Obrigada pelos livros que comprou pra mim, incentivando o meu hábito pela leitura. Ao meu irmão Yarley Silva Nascimento pela amizade, passeios e pelas caronas sempre que possíveis.

Às professoras Angela Dantas, Nicali Bleyer e em especial a minha professora Orientadora Dr^a. Beatriz Aparecida Zanatta pelo apoio, ensinamentos e correções na minha formação profissional e por acreditarem no meu potencial.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás pelo acolhimento desde o primeiro dia de aula, pelo suporte durante a Pandemia do Covid-19 e pelas aulas e palestras incríveis que tive a oportunidade de assistir on-line e presencial.

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.”

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

Esta pesquisa, sistematizada e organizada em uma monografia de conclusão do curso de Geografia, teve como tema Geografia e Gênero. Buscou-se esclarecimento sobre o que tem sido discutido sobre gênero nas pesquisas da área de Geografia que o tomam como objeto de investigação? As questões postas foram: quando e a partir de que abordagens teórico-metodológicas os estudos gênero foram introduzidos na Geografia brasileira; quais temáticas sobre esse objeto de estudo têm sido investigadas nos estudos de Geografia? Qual a participação do gênero feminino nesta produção? O objetivo geral foi compreender o que tem sido investigado sobre gênero em pesquisas da área da Geografia Brasileira. E os objetivos específicos foram: historicizar a introdução dos estudos de gênero nas abordagens do pensamento Geográfico brasileiro; identificar as temáticas predominantes e verificar a presença e expressividade da participação do gênero feminino na produção analisada. Realizou-se uma revisão de literatura das pesquisas armazenadas na plataforma digital do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos de 2019 a 2023. A seleção de trabalhos resultou num total de doze artigos, que foram organizados a partir de dois eixos temáticos: Geografia e Gênero e Geografia Escolar e Gênero dos quais emergiram uma diversidade temática. Os resultados evidenciaram que é indispensável trabalhar a categoria gênero para melhor compreensão das relações sociais, com a especificidade de cada gênero no processo de produção e reprodução social do espaço geográfico. Assim como a importância dos estudos de revisão de literatura para que os/as estudantes ampliem seus conhecimentos sobre novas formas de olhar os fenômenos geográficos, buscando identificar e eliminar as hierarquias de poder e as desigualdades sociais.

Palavras-chave: Geografia; Gênero; Ensino de Geografia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO I : PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA GEOGRAFIA E A A BORDAGEM DA CATEGORIA GÊNERO.....	7
1 Considerações Sobre Gênero.....	7
2 Geografia e Gênero: Breve Histórico.....	Erro!
Indicador não definido.	
2.1 Geografia Crítica e Gênero.....	8
2.2 Geografia Humanista e Gênero.....	11
2.3 Geografia Cultural e Gênero.....	14
CAPÍTULO II: AS PESQUISAS SOBRE GÊNERO NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA BRASILEIRA: SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE (2019 A 2023).....	17
1 Metodologia da Pesquisa.....	17
2 Geografia e Gênero.....	22
2.1 Trajetória Acadêmica da Produção do Conhecimento Geográfico e Gênero.....	22
2.2 Relações de Poder na Produção Geográfica e Gênero.....	23
<u>3</u> Geografia Escolar e Gênero.....	25
3.1 Educação Geográfica e Gênero.....	25
3.2 Gênero, Sexualidade e Escola.....	26
3.3 Gênero, Sexualidade e Formação dos Docentes de Geografia.....	28
<u>3.4</u> Gênero, Documentos Curriculares e o Livro Didático de Geografia.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Gênero é um tema polêmico e de disputa no campo científico. Suas definições variam de acordo com abordagem teórica de cada autor. No entanto, qualquer que seja a abordagem escolhida, é um tema que para ser pensado deve levar em consideração as transformações pelas quais o mundo tem passado. Transformações econômicas, políticas, sociais, espaciais, éticas, cujos desdobramentos alteraram a organização social e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação profissional, nos sistemas de ensino e nas escolas.

Diante dessas transformações, vive-se um período em que as diversas áreas do conhecimento científico, especialmente nas ciências humanas, têm efetuado reflexões e análises no sentido de compreensão teórica de novas categorias de análise como movimentos sociais, identidades, gênero, dentre outras que adquiram proeminência. Neste sentido, considerando que a Geografia como ciência social deve ampliar suas reflexões sobre gênero, a partir do diálogo com as demais áreas do conhecimento que buscam entender os fenômenos sociais, para melhor compreensão de práticas socioespaciais que permitem desvendar a base da organização, produção e dos processos de transformação do espaço, optou-se nesta pesquisa por investigar o tema Gênero e Geografia brasileira.

Como esclarece Scott (1995), a categoria gênero se refere ao modo como as diferenças sexuais entre homens e mulheres são historicamente construídas. Ou seja, como um construto sociocultural, no qual é estabelecido o que é considerado feminino e masculino, constituído a partir das relações sociais.

Compartilhando com este entendimento o estudo do espaço geográfico na perspectiva das relações de gênero tem como foco as desigualdades socioespaciais que não se restringem às disparidades sociais naturalizadas em uma sociedade capitalista e patriarcal, mas ao poder construído por meio das relações sociais entre os gêneros no exercício de sua espacialidade e territorialidade. São essas relações que determinam onde cada um dos sexos pode exercer poder, mesmo que esse poder ainda tenha reconhecimento dispar para a sociedade. Neste aspecto, os estudos de gênero em muito podem contribuir para compreensão da territorialização das relações de poder desvelando, por conseguinte, os estereótipos e simbolismos que determinam “o lugar da mulher”, uma vez que esta territorialização é quase sempre percebida como um espaço restrito, doméstico e familiar.

A opção pelo tema surgiu a partir da observação de que maior parte das referências dos textos discutidos no decorrer do curso de Geografia é de autoria masculina. Em algumas disciplinas em que os/as professores (as) trabalhavam com artigos de autoria feminina, eu ficava muito animada para saber o ponto de vista dessas geógrafas sobre essa desigualdade, ou seja, da invisibilidade das mulheres na produção acadêmica da Geografia brasileira. Indagação que determinou a opção pelo tema desta monografia e me motivou a buscar explicações sobre o porquê da existência desse descompasso.

Consultando a literatura pude dectar, confirmando minhas indagações, que segundo Araújo e Fernandes (2023), nos espaços acadêmicos e nos cursos de formação de professores de Geografia as discussões sobre gênero ainda são escassas. Fato que para os autores pode ser explicado em função do apego epistemológico a fundamentos baseados em uma ótica eurocêntrica e andocêntrica de mundo. Daí a pequena expressividade da participação feminina na produção acadêmica, visto que são poucos estudos sobre gênero na Geografia.

Complementando o esclarecimento de Araújo e Fernandes (2023), J. Silva, et al. (2009) ao analisar os currículos dos cursos de graduação em Geografia ressaltam que as ementas não apresentam menção alguma sobre relações de gênero. Além disso, os autores destacam como aspectos marcantes das ementas [...] o sexismo presente na linguagem utilizada para descrever os conteúdos a serem ministrados em cada disciplina, e a masculinização das referências bibliográficas indicadas. (J. Silva, et al. 2009, p.55). No entanto, Campos et al. (2017, 86) enfatizam que a [...] escola e a geografia enquanto disciplina possuem um papel fundamental na formação de um cidadão ciente do seu papel na produção do espaço e suas relações entre homem e mulher. Nesse sentido, os autores ressaltam a importância do debate sobre a questão de gênero nas escolas e salas de aulas para construção de uma sociedade mais igualitária.

Diante dessa problemática e da busca de uma compreensão mais aprofundada do tema esta pesquisa busca esclarecer o que tem sido discutido sobre gênero nas pesquisas da área de Geografia que o tomam como objeto de investigação? Em seu escopo tornou-se necessário esclarecer questões como: Quando e a partir de que abordagens teórico-metodológicas os estudos gênero foram introduzidos na Geografia brasileira; quais temáticas sobre esse objeto de estudo têm sido investigadas nos estudos de Geografia? Qual a participação do gênero feminino nesta produção? Buscou-se através deste trabalho responder estas indagações.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar e descrever o que tem sido investigado sobre gênero em pesquisas da área da Geografia Brasileira. Esse objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

Historicizar a introdução dos estudos de gênero nas abordagens do pensamento Geográfico brasileiro;

Identificar as temáticas predominantes,

Verificar a presença e expressividade da participação do gênero feminino na produção analisada.

No que se refere a metodologia foi realizada uma revisão de literatura das pesquisas armazenadas na plataforma digital do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos de 2019 a 2023, e selecionados doze trabalhos apresentadas no capítulo II.

Os resultados desta pesquisa estão apresentados em dois capítulos, que em linhas gerais fazem parte de seu desenvolvimento. O primeiro capítulo delinea a trajetória histórica pela qual a categoria gênero foi apropriada em abordagens críticas do pensamento geográfico. O segundo expõe as pesquisas sobre gênero da Geografia Brasileira, incluindo a metodologia e apresentação das pesquisas.

CAPÍTULO I: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA GEOGRAFIA E A ABOARDAGEM DA CATEGORIA GÊNERO

Para melhor compreensão do tema em estudo este capítulo apresenta inicialmente, considerações sobre a categoria gênero, e em seguida apresenta como a categoria gênero se fez presente nas abordagens teórico-metodológicas da Geografia.

1 Considerações Sobre Gênero

A categoria de gênero tem história, assim como as demais categorias e conceito, foi criada e configurada a partir de ideologias, exigências políticas, debates e reflexões que circulam entre pensadores.

Neste sentido, Scott (apud Reis, 2015) concebe gênero como uma categoria de análise das relações de poder, assim como classe social e raça, se refere ao modo como as diferenças sexuais são construídas e trazidas às práticas sociais, e tornadas partes do processo histórico. Como uma construção sociocultural esta categoria se aplica, de forma diferenciada entre os sexos, a partir do que é estabelecido como feminino e masculino e os atributos sociais destinados a cada um. Refere-se, portanto, ao conhecimento sobre a diferença sexual compreendida como: relativa; produzida por meios complexos, isto é, por amplos e complexos quadros teóricos. Não apenas às ideias, mas às instituições e estruturas, às práticas cotidianas, os rituais, enfim, as significações sociais estabelecidas sobre a diferença sexual

Este conceito foi sendo desenvolvido ao longo da história dos estudos feministas em diversas linhas e posturas teóricas. Por exemplo, tem-se o viés marxista associado ao feminismo que questiona as relações desiguais de gênero socialmente construídas, dando ênfase à materialidade existencial, seja na vida cotidiana, em uma análise local, ou em um cenário histórico mais amplo, levando em consideração que tal "materialidade se sustenta por práticas em um real vivido e um real idealizado e ideologizado" (Castro, apud Reis, 2015, p. 20). Além da influência do pensamento marxista, Paulilo (apud Reis, 2015) menciona que outros movimentos feministas estão mais voltados para questões de reconhecimento, de identidade e se inserem em uma perspectiva culturalista. Ademais, Meneghel, Farina, Ramão (apud Reis, 2015) registram que os estudos das relações de gênero fundamentados na perspectiva pós-estruturalista inspirada na psicanálise superaram a ideia de papéis sociais femininos e masculinos e o pressuposto das relações binárias, avançando na compreensão de gênero.

Em que pesem essas diferenças teóricas, Pedro e Grossi (apud Reis, 2015) assinalam que existem pontos importantes de convergência entre as teorias culturalistas, estruturalistas e pós-estruturalistas, pois todas “sustentam uma postura relativista e concordam que o sujeito é fruto de determinações culturais e históricas, rompendo com as perspectivas essencialista, que reifica homens e mulheres em identidades fixas determinadas pela natureza como construtor da identidade, do mesmo modo que raça/etnia e classe.

2 –Geografia e Gênero: breve histórico

Durante longo tempo, a produção conhecimento científico teve como característica privilégios de sexo e raça, particularmente do sexo masculino, branco, heterossexual e cristão, que impediu a realização de estudos e pesquisas que objetivassem dar visibilidade a grupos de mulheres, crianças, não brancos e pessoas que não se enquadravam na norma heterossexual dominante (SILVA, 2009).

Nesse contexto, Geografia Tradicional, fundamentada no positivismo, ao conceber a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo, ignorou as diferenças que entre homens e mulheres no estudo geográfico. Até a década de 1950, quando os fundamentos da Geografia Tradicional foram revistos pela Geografia teórico-quantitativa, a discussão sobre gênero manteve-se a margem dos estudos geográficos.

No entanto, diante dos limites do arcabouço teórico da Geografia Tradicional e da Geografia Quantitativa em fornecer explicações consistentes e convincentes para os conflitos e questões de ordem social, que marcaram a década de 1960, novos desafios foram postos a Geografia no sentido reformular suas análise para fornecer explicações consistentes e convincentes das transformações sociais. Em função disso se difunde no Brasil, a partir do final da década de 1970, o movimento de crítica e renovação da Geografia¹ no qual os geógrafos buscavam um enquadramento teórico para redefinir o objeto de estudo da Geografia.

¹ No Brasil o movimento crítico de renovação da Geografia caracteriza-se por um conjunto de reflexões sobre os fundamentos epistemológicos, ideológicos e políticos da ciência geográfica que se tornou ativo no final da década de 1970. Um dos marcos do movimento foi o 3º Encontro Nacional de Geógrafos, em 1978, onde ocorreram importantes mudanças na organização da AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) promotora do encontro; e a realização, também pela AGB, do 1º Encontro Nacional de Ensino de Geografia. Neste último culminou a reformulação que vinha ocorrendo na Associação desde a década de 1970 com a consolidação da AGB como espaço para discussão e divulgação de estudos sobre variados temas de interesse dos profissionais e estudantes de Geografia. Desde então, esta associação passou a exercer papel preponderante na busca de aproximação entre a Universidade e os professores do ensino fundamental e médio.

Em consequência dessas discussões, em que o espaço passou a ser concebido como social, vivido e em estreita correlação com a prática social, que os estudos sobre gênero se tornaram objeto de reflexão dos geógrafos. É época em que as mudanças socioeconômicas também favoreceram a mobilização social de grupos até então marginalizados, em particular o ressurgimento dos movimentos feministas que articularam [...] modos de resistência ao questionamento de "verdades" estabelecidas que permeiam a produção e a reprodução das relações entre homens e mulheres, de forma hierárquica e desigual" (MEYER (1996) apud SILVA,1998, 105) Neste sentido, a participação das mulheres nos movimentos feministas mostrou que as relações de gênero conduziam a relações não igualitárias em casa, no trabalho e na comunidade. Nesse sentido, colocaram em questão o comprometimento da ciência com a visão masculina do mundo.

Nessa conjuntura a Geografia Crítica adquire expressividade e, e a partir meados da década de 1980 se inserem, gradativamente, nesse debate as Geografias Humanista e Cultural.

2.1 Geografia Crítica e Gênero

Conforme mencionado, a Geografia crítica, surgiu em função do reconhecimento dos limites teóricos e práticos das perspectivas até então vigentes, basicamente Geografia Tradicional e a Geografia Teorético-quantitativa. Como atestam Mendonza et al., (1988) essa Geografia resultou em projetos e construções novas com base numa caracterização marxista do espaço. No entanto, Capel e Urtega (1991) afirmam que ela não foi monolítica, na medida em que o marxismo assumido por alguns geógrafos críticos ou radicais possui “forte traço historicista”, o que os aproxima da Geografia humanista, cujos fundamentos são o existencialismo e a fenomenologia. Mendoza et al., (1988) também pondera que a denúncia de Lacoste sobre os conteúdos ideológicos e estratégicos do saber geográfico em suas relações com o poder aproximam-se das preocupações de Michel Foucault. No entanto, em que pesem essas diferentes vinculações ao pensamento marxista, Soja (1993) e Mendonça et al., (1988) apontam como ponto comum dessas análises a consideração das relações entre processos sociais e configurações espaciais.

Por essa via, e com base no diálogo com outras disciplinas, o espaço ao ser considerado o conceito-chave da geografia foi concebido como o resultado da produção de sucessivos modos de produção historicamente determinados, e a categoria trabalho como eixo central da relação de homens e de mulheres com a natureza. (Santos, 1990). Isto é, o elemento mediador

entre a sociedade e o espaço que determina a natureza social do espaço e a sua forma de apropriação. Como escreve Soja (1993), o espaço se produz como um componente dialeticamente interdependente determinado pela relação entre o capital e trabalho que na sociedade capitalista expressa contradições das relações sociais de classe, assim como as relações contra elas.

Nessa perspectiva, as relações de gênero foram centrais para entendimento de questões referentes a produção e reprodução social do espaço tais como: divisão do trabalho, dominação, política, exploração e ideologia, dentre outras. Ou seja, para o entendimento das relações de gênero como parte das práticas espaciais que permite desvendar a base da produção do espaço. Em outras palavras, que permite apreender as relações sociais de gênero constituídas de poder a partir da sua materialidade concreta que define a estruturação do espaço. (Lefebvre, 1991).

Isso significa que compreender as relações de gênero do ponto de vista geográfico é compartilhar do entendimento da produção do espaço como um produto da inter-relação entre distintas escalas de análise no estudo de fenômenos sociais como expressão da existência da diversidade, na qual trajetórias distintas coexistem e estão em constante construção. O que reivindica uma análise geográfica incorporando as teorias de gênero que possibilitam desvendar as manifestações espaciais e territoriais de diversos grupos sociais cujas práticas, estruturam por meio das relações entre gêneros, nos diferentes espaços geográficos que situam o indivíduo no mundo. Como diz Moreira (2007), o espaço geográfico é um campo interdisciplinar da Geografia. O conceito de gênero permite a Geografia dialogar com as demais áreas do conhecimento que buscam entender o movimento social. O que só é possível quando compartilhamos entre os estudiosos que compartilham formas de conhecimento e de entendimento do mundo com base em uma perspectiva epistemológica que permite a partir do diálogo entender a realidade como um todo sob o enfoque do objeto de estudo (de seu recorte). Dessa forma, a Geografia de gênero é mais um enfoque, que não deve perder as outras mediações, posto que segundo Santos (1996, p. 17) “O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina”, que permite por meio do diálogo interdisciplinar refletir e transformar (para melhor, é claro) o mundo em que vivemos. Iluminando, por conseguinte a teoria geográfica com a discussão sobre a categoria gênero.

Destacados os pontos acima ilustram-se como as pesquisas Garcia (2006) e Franco (2004), citadas por Reis (2015), que discutem a relação Espaço e Gênero do ponto de vista do materialismo histórico dialético.

Garcia (apud Reis, 2015), com base nas contribuições da Geografia crítica e da Geografia de Gênero, realizou a pesquisa Mulheres da cidade d' Oxum: relações de gênero, raça

e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador. Neste estudo, a autora buscou compreender a complexidade da sociedade contemporânea na fase atual do capitalismo com o objetivo de compreender as relações de gênero e a participação das mulheres das classes populares de Salvador como militantes e dirigentes das associações, e discutiu a produção do espaço geográfico como uma construção dos sujeitos individuais e coletivos, com imbricações de gênero, raça e classe. A pesquisa mostrou que a prática desigual da apropriação do espaço citadino entre os gêneros, e principalmente as múltiplas formas de ocupação das mulheres das classes populares, constroem em seus aspectos subjetivos, identidades territoriais nas periferias de Salvador. Assim como as lacunas das teorias marxistas, apontadas por várias feministas, representam um meio para encontrar caminhos que evidenciem a pluralidade da sociedade e a outra parte da humanidade que são “as mulheres de todas as raças, de todas as classes, mas entendidas nas suas especificidades” (Garcia apud Reis, 2015).

2.2 Geografia Humanista e Gênero

No início dos anos setenta que alguns geógrafos desencantados com uma Geografia “sem homens” começaram a buscar, na filosofia dos significados, respostas para suas angústias e novos caminhos que conduzissem ao rompimento com o positivismo e o neopositivismo predominantes na ciência geográfica.

Contrapondo-se à ideia de verdade absoluta, de mundo concreto, objetivo e único dos positivistas, a filosofia dos significados parte do princípio de que todo ser humano pensa e filosofa, sendo, portanto, capaz de refletir sobre os fenômenos do mundo vivido. Como a tradição positivista da geografia praticamente ignora que o homem tem uma consciência, geógrafos como Tuan, Buttimer e Relph, entre outros, fundamentados na Fenomenologia e no Existencialismo, abraçaram o humanismo visando aclarar a consciência espacial dos seres humanos, já que o mundo não é preciso, mas pleno de ambiguidades, valores pessoais e coletivos. Surge, assim, a Geografia Humanista, cujo cerne da investigação geográfica são os significados, os valores, os objetivos e propósitos da ação humana.

Com esse entendimento, os geógrafos humanistas defendem a necessidade de valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo na busca da compreensão da forma de sentir das pessoas em relação aos seus lugares, “[...] para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona” (Christopoletti, 1985, p.22).

Espaço e lugar são conceitos importantes para essa abordagem que propõe a interpretar a dinâmica do mundo vivido, da experiência vivida e como são apreendidos e entendidos os sentimentos dos seres humanos em relação ao espaço e ao lugar. E a contribuição da Fenomenologia consiste, justamente, em resgatar a subjetividade como tema de trabalho. Como escreve Tuan (1985, p.143) a “[...] Geografia Humanística, procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.” Categorias (espaço e lugar) que, segundo Silva (1986), não representam exclusivamente o que objetivamente se dá, mas são construídas pelo sujeito no decorrer de sua experiência e, sugerem “sentimentos e ideias”, necessário a interpretação das dimensões da realidade. Assim, “a realidade não o é somente como dado objetivo, mas inclui a percepção do meio ambiente enquanto experiência vivida e sentida” (Silva, 1986, p.55)

O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o "centro de significância ou um foco de ação emocional do homem". O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. É o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, experienciado. Para Tuan, o papel do geógrafo humanista e exatamente entender como um espaço torna-se lugar. Ao distinguir os conceitos espaço e lugar Tuan (1983, p.6) se expressa da seguinte maneira:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (...) se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar”.

Para esclarecer essa interpretação o autor expõe que espaço e lugar são elementos do meio ambiente, profundamente relacionados, que demonstram experiências comuns. Os seres humanos necessitam de ambos, porque suas vidas se processam num movimento dialético de refúgio e aventura, dependência e liberdade. Deste modo, podemos pensar o espaço como algo que permite deslocamentos, e cada pausa no movimento faz com que a localização se transforme em lugar. O que se inicia como espaço indiferenciado vai adquirindo a conotação de lugar, à medida que o conhecemos mais intimamente, ou seja, quando o dotamos de valor ou lhe conferimos significado.

Nesse sentido, a Geografia Humanística apresenta significativa contribuição para a dimensão afetiva do processo de conhecimento. Essa contribuição é destacada de forma

explicita quando Mello (1990) ao referir a distinção entre espaço e lugar afirma: “O espaço, qualquer porção da superfície terrestre, é amplo, desconhecido, temido ou rejeitado. O lugar, recortado afetivamente, emerge da experiência e é um ‘mundo ordenado e com significado’” (Mello, 1990, p.102).

Nesta perspectiva, a pesquisa Shefler (apud Reis, 2015) contribui como referência para a compreensão da construção do espaço agrário, com objetivo de identificar a influência das relações de gênero nas estratégias de sobrevivência das famílias rurais e manutenção territorial, bem como suas implicações na produção do espaço familiar. Em sua discussão, a autora destaca a importância que os estudos de gênero assumem na Geografia e apresenta de forma sucinta uma revisão histórica sobre a incorporação da teoria social desta temática nas pesquisas geográficas.

Franco (2004), com intenção de investigar o movimento de lutas no campo realizado por mulheres sob a ótica de gênero e produção do espaço, realizou um estudo denominado Os lugares da diferença no Pontal Paranapanema tendo em vista analisar a diferença entre a produção e reprodução de relações sociais de gênero nos lugares da luta pela terra dos assentamentos e acampamentos rurais. Assim, ao colocar em questão a ideia da estrutura generificada do espaço como produto da organização social buscou elucidar a relação dialética da produção do espaço e a construção das relações de gênero na dinâmica de territorialização-desterritorialização e reterritorialização da luta pela terra. Na análise dos assentamentos constatou que diferentes construções de relações de gênero se estabelecem através da prática do cotidiano como uma peculiaridade espacial, por ela denominada “lugares da diferença”. Constatou também que a relação entre a produção do espaço e a geografia das práticas e relações de poder se estabelecem entre os diferentes sujeitos sociais.

Como contribuição deste trabalho para a pesquisa geográfica, Reis (2015) destaca a importância do debate conceitual sobre gênero para análise espacial respaldado por pesquisadoras que consideram a epistemologia feminista imprescindível “[...] para o estudo da sociedade e seu espaço, pois, homens e mulheres estão situados de modo diferente no mundo e sua relação com os lugares na qual desenvolvem suas vidas também é diferente”. Assim como o “[...] reconhecimento de que o espaço é uma parte integrante de vida social sempre aberto à contestação por diferentes indivíduos ou grupos, muitos dos quais estão tentando questionar e redefinir os significados e limites de espaços particulares (Reis, 2015, p.29).

2.3 Geografia Cultural e Gênero

A cultura enquanto objeto de estudo geográfico passou a ser evidenciada em meados do século XIX por franceses seduzidos pela diversidade cultural de povos e nações em diferentes paisagens. Posteriormente, no século XX, principalmente nas décadas de 70, 80 e 90, os estudos culturais ganharam força em decorrência das transformações, intensas no mundo e na organização das sociedades.

Desde então, a Geografia Cultural adquiriu gradativamente expressividade a partir da preocupação dos geógrafos em desvendar e refletir sobre o mundo da subjetividade humana, das relações sociais, e, dentre outros elementos, das representações cunhadas por uma sociedade.

Ainda que a Geografia não tenha alcançado uma posição de destaque na década de 1890, como a Geografia Crítica, atualmente, é significativo o número de trabalhos que se aproximam de outros campos do conhecimento com propósito de realizar os estudos culturais compartilhando do conhecimento do espaço através da inter e transdisciplinaridade.

Nessa perspectiva, os geógrafos culturais buscam analisar a cultura através de um olhar espacial sobre a realidade (Claval, 1999), concebendo-a como uma construção imaginada por indivíduos ou uma sociedade com a finalidade de estabelecer ligações e hábitos em comum. Não cabe ao/à geógrafo/a explicar o inexplicável nas relações humanas e sociais, mas sim questionar as ações e representações calcadas em mitos, em preconceitos construídos por meio de um processo histórico que perduram nos tempos atuais, demarcando vantagens de grupos dominantes sobre os dominados.

Nesse sentido, uma das contribuições da geografia cultural reside no questionamento sobre a realidade social excludente que hierarquiza indivíduos de acordo com sua raça, classe e gênero. A exemplo disso, pode-se destacar a geografia dos gêneros, citada por Claval (1999) e outros/as geógrafos/as europeus/éias e estudiosos/as latino-americanos/as que tem como foco principal analisar as relações existentes entre espaço e gênero, compreendendo papéis e funções dos gêneros, a divisão do trabalho e as relações de poder entre eles. Como afirma (Correa, 2003) o espaço geográfico “[...] enquanto reflexo, meio e condição das relações sociais também constitui as múltiplas construções de gênero”.

No contexto internacional, algumas importantes geógrafas têm lutado para fortalecer a perspectiva de gênero. Entre elas, destacam-se, segundo Nabozny e Ornat (2009), Rose (1993) e McDowell (1999), na luta científica para que as mulheres sejam reconhecidas como importantes produtoras do espaço geográfico. De acordo com Silva (2005), na visão dessas

geógrafas gênero é uma construção social que é sempre destruída pelas práticas cotidianas. Existe uma representação social do “ser mulher” e do “ser homem” que se materializa nos atos afirmada pelo senso comum. A geografia feminista quer compreender como o sujeito feminino é construído nas estruturas de dominação socioespaciais. Os conflitos e as disputas pelo poder fazem parte das práticas diárias na relação entre grupos sociais e espaço, pois cada grupo atribui a cada espaço diversos significados. A realidade socioespacial reflete os estereótipos dos lugares femininos e masculinos e o jogo de forças empreendido em seu processo de produção.

No Brasil, Nabozny e Ornat (2009) relatam que Silva (2003, 2005a, 2005b), juntamente com outros pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais (GETE-UEPG), baseando na proposta teórica de Rose (1993), aborda a temática de gênero e Geografia, trazendo para o debate da Geografia Brasileira o conceito de “Espaço Paradoxal”, como uma possibilidade de subversão da construção masculina do conhecimento geográfico. O espaço paradoxal como um espaço de luta é:

[...] complexo, envolve variadas articulações e dimensões e se constitui uma interessante construção metodológica na Geografia. A mulher não pode ser vista apenas como constituinte de um gênero, mas também da sexualidade, da raça, da religião e da classe social. Todos esses elementos são experienciados simultaneamente, podendo, portanto subverter a ordem de forças entre ‘nós’ e o ‘outros’ devido à sua plurilocalidade no território (SILVA, 2005a, apud NABOZNY E ORNAT, 2009, p.32)

Os autores ressaltam que para Silva (2005a), gênero é uma categoria representacional, processual e relacional, cujos papéis sociais são produtos de uma dada cultura, em um tenso processo de relações histórico-espaciais que ora se opõem, ora se complementam mobilizando com maior ou menor poder no processo de luta simbólica. Esclarecem ainda que “[...] o espaço geográfico paradoxal trabalha com a noção de fronteiras, em que o sujeito possui uma plurilocalidade e multidimensionalidade em um tenso embate entre centro e margem” (Nabozny Ornat, 2009, p.32). Explicando Nabozny (2006) expõe que numa configuração de poder branco/masculino e cristão, a mulher branca ocupa o centro da configuração, mas a mesma mulher ao exercitar uma outra religiosidade e não “ser homem” no processo relacional de construção do gênero ocupa uma posição de margem. Então, centro e margem oscilam e podem constituir inúmeras configurações no espaço-tempo.

No que diz respeito as relações de poder existentes entre homens e mulheres em âmbitos espaciais, culturais e temporais Raffestin (1993) esclarece que a categoria pode não corresponder somente a um mecanismo político, já que adentra o campo social. Para o autor o poder é parte intrínseca de toda relação, é o alicerce móvel das relações de força que “induzem sem cessar a estados de poder, porém sempre locais e instáveis. O poder se manifesta por

ocasião da relação. “(...) O campo da relação é um campo de poder que organiza os elementos e as configurações” (Raffestin, 1993, p.52-53). E nesse sentido que relações de gênero corresponde a uma manifestação das relações de poder. Posto que, a opressão masculina, no decurso da história, sempre destinou às mulheres funções e “obrigações” determinadas, preestabelecidas de acordo com o seu próprio bem-estar e manutenção das decisões políticas em todos os campos da vida social.

Nessa linha, os estudos de gênero vêm se desenvolvendo com foco em temáticas sobre patriarcado, sexualidade, ideologias tradicionais e poder masculino, e no progressivo reconhecimento da diversidade e variedade existente nas experiências femininas. Portanto, são frequentes investigações sobre a interrelação raça, classe, gênero e o uso do espaço. Particularmente estudos sobre questão racial com a finalidade de realizar uma leitura socioespacial de grupos socialmente segregados como as mulheres negras, com propósito de compreender como as relações de subordinação gênero e raça reverberam no espaço. Desvendar os jogos de dominação e violência simbólica impostos por uma parcela da sociedade, visto que as ações cotidianas são reproduções de interesses de grupos dominantes para perpetuarem sua hegemonia, seja política, econômica, social ou cultural. Como afirma Raffestin, “[...] o poder esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares. Presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem” (1993, p. 52).

De acordo com o que foi exposto pode-se dizer que os estudos de gênero são relativamente recentes na Geografia. Se desenvolveram com base nos fundamentos teórico-metodológicos da Geografias Crítica, Humanista e Cultural, ou a partir da aproximação entre essas tendências do pensamento geográfico e das contribuições da Geografia Feminista. Assim como os estudos sobre gênero possuem grande relevância para a Geografia, visto ser uma categoria estruturante das relações sociais que produzem o espaço geográfico. Assim, considerando que muito temos que aprender sobre Gênero e Geografia, o próximo capítulo apresenta-se uma revisão de literatura de autores que pesquisaram sobre o tema em questão, para então se obter um maior embasamento do tema estudado.

3 CAPÍTULO II: AS PESQUISAS SOBRE GÊNERO NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA BRASILEIRA: SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE (2019 A 2023)

O presente capítulo traz o resultado da revisão de literatura sobre Gênero e Geografia, com objetivo de obter uma visão geral sobre o que tem sido investigado sobre gênero na produção acadêmica das pesquisas no campo da Geografia brasileira.

1 Metodologia da Pesquisa

Fazer uma revisão de literatura sobre a temática Gênero e Geografia tem como motivação desvelar os movimentos de sua constituição por meio de seus múltiplos enfoques, tendências e lacunas. (Vosgerau; Romanowski, 2014) Nessa forma de aproximação, o objeto de estudo é revelado por uma espécie de “radiografia, isto é, uma descrição razoavelmente detalhada do estado em que se encontra uma área do conhecimento num momento determinado” (Saviani, 2007, p. 149).

Nesses termos, esse tipo de pesquisa é de fundamental importância para a compreensão do processo de

[...] constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática [...], apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigativas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 39).

Nessa perspectiva, Noronha e Ferreira (apud Moreira (2004, p.21-22) definem os trabalhos de revisão [...] como estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo,” que fornecem uma visão geral sobre um tópico específico, [...] evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada”.

Complementando, Lima e Miotto (2007), destacam que pelo fato de a revisão de literatura promover maior aproximação com o objeto a partir de fontes bibliográficas, ela possibilita um amplo alcance de informações, permitindo, por consequência a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações e melhor compreensão do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.

A revisão de literatura, proposta neste trabalho, buscou reunir pesquisas sobre Gênero e Geografia com o objetivo de sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema de

maneira sistemática, ordenada e abrangente. Para tanto, foram utilizados um conjunto ordenado de procedimentos metodológicos que favoreceram a apreensão das informações necessárias a busca de respostas a seguinte indagação: O que tem sido discutido sobre gênero na produção acadêmica das pesquisas no campo da Geografia brasileira? A partir dessa questão, outras também surgiram como necessárias para uma compreensão mais aprofundada do objeto de estudo: Qual a gênese dos estudos gênero no campo da Geografia? Que abordagens do pensamento geográfico brasileiro fundamentam pesquisas sobre gênero? Quem são os autores (as) que fundamentam essas pesquisas? Quais temáticas sobre gênero têm sido investigadas nas teses e dissertações do período de 2019 a 2023? Qual a participação do gênero feminino nesta produção?

Formulado problema e as questões de pesquisa, foram definidas as seguintes palavras chaves: gênero, geografia e ensino de geografia. E, para manter a centralidade no objeto de estudo e nas questões da pesquisa foram definidos os seguintes critérios de inclusão e exclusão: a) texto completo e disponível na plataforma; b) teses, dissertações e artigos publicados em revistas de Geografia; c) artigos duplicados; d) artigos não publicados em português; e) teses, dissertações e artigos que não expuseram claramente o problema, objetivos e resultados da pesquisa científica.

A etapa de levantamento de dados da pesquisa foi realizada no mês de abril de 2024 e teve como fontes o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Catalogo de Teses e Dissertações da Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Considerando que, de acordo com Viana (2007, p.11) deve-se iniciar a pesquisa fazendo uma revisão de literatura, limitando-a [...] aos três ou quatro anos anteriores ao início da observação delimitou-se o espaço temporal do objeto de estudo, Geografia e Gênero no quadro da pesquisa geográfica no Brasil, ao período de 2019 a 2023.

Para a busca de respostas as questões e objetivos da pesquisa recorreu-se a pesquisa de natureza qualitativa/quantitativa, por entender que quantitativo e qualitativo não se opõe, mas se inter-relacionam como duas faces do real num movimento cumulativo e transformador, de modo que não podemos concebê-los um separado da outro no processo de produção do conhecimento (Gamboa, 2009).

A seleção dos estudos se deu por intermédio de uma leitura analítica dos títulos, resumos de todas as publicações para verificar se a produção selecionada era compatível com critérios de inclusão e exclusão. Na produção em que a leitura do resumo não foi suficiente a busca pelos dados omissos nos resumos, a seleção foi feita a partir da leitura panorâmica do trabalho

completo. Embora esse seja um fator que pode limitar o entendimento da pesquisa em pauta, procurou-se atentar para que os dados localizados fossem suficientes para o alcance do objetivo.

Com a aplicação dos procedimentos acima mencionados foram selecionados do total de 986 estudos, 12 trabalhos relacionados à temática para compor a pesquisa.

O tratamento dado ao objeto de estudo permitiu agrupar os dados em dois eixos que abordam a categoria Gênero: Gênero nas Teses e Dissertações de Geografia e Gênero nos periódicos científicos da área de Geografia no Brasil, cujas especificidades são apresentadas a nos quadros a seguir.

Quadro 1: Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil (2019 a 2023)

TESES DE DOUTORADO					
GEOGRAFIA E GÊNERO					
	Título	Autor	Instituição	Ano	Palavras- Chave
1	Gênero, Trajetória Acadêmicas e a Centralidade na Produção do Conhecimento Geográfico Brasileiro.	CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira	Universidade Estadual de Ponta Grossa	2019	Gênero; Produção Científica; Epistemologia da Geografia; Ciência
DISSERTAÇÕES DE MESTRADO					
GEOGRAFIA ESCOLAR E GÊNERO					
2	A Geografia já saiu do Armário? Diálogos sobre Gênero, Sexualidade e Escola	ESCOUTO, Cláudia Maliszewski	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2019	Gênero; Sexualidade; Geografia Escolar; Homofobia
3	Geografias das Sexualidades: Desafios e Estranhamentos no Contexto Escolar	ALÉM, Yuri Gabriel Vieira	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	2022	Geografias Feministas e das Sexualidades; Gênero; Sexualidade; Formação de Professoras e Professores
4	Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação Inicial de	SILVA, Ritiele Pires da.	Universidade Estadual do Oeste do	2023	Gênero; Formação de Professores;

Docentes de Geografia.		Paraná (UNIOESTE)		Geografia; Interseccionalidade
Total				4

Fonte: Tabela elaborada pela autora com dados obtidos na pesquisa em abril de 2024.

Quadro 2: Artigos nos periódicos da área de Geografia (2019-2023)

ARTIGOS					
Título	Autor	Revista	Ano	Palavras-Chave	
GEOGRAFIA E GÊNERO					
1	Geografia Brasileira, Poder, Gênero e Prestígio Científico	CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; SILVA, Joseli Maria	Revista da Anpege	2021	Geografia, Epistemologia; Gênero e Poder
2	O Gênero para a Geografia: por uma Ciência feita com, por e para Mulheres	MOREIRA, Ozileide Matos	Revista da Anpege	2022	Território; Espaço Geográfico; Feminismo; Empoderamento
GEOGRAFIA ESCOLAR E GÊNERO					
3	Do Tradicionalismo à Possibilidade de Subversão: Diálogos (in) Possíveis entre Geografia e Gênero	BEZERRA, Tâmara Carla Gonçalves	Ensino de Geografia (Recife)	2019	Ensino; Gênero; Educação Geográfica
4	As Relações e os Atravessamentos das Questões de Gênero no Ensino: Uma Análise da Revista LatinoAmericana de Geografia e Gênero	FRAGA, Amábili; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	2020	Gênero; Educação; Ensino de Geografia; Estudos Feministas; Geografias Feministas
5	A abordagem de Gênero e Sexualidade por Docentes de Geografia na Educação básica em Curitiba (Paraná)	FONSECA, Murilo Noli da; NAZÁRIO, Daiane	Revista de Geografia (Recife)	2021	Diversidade Sexual; Geografia; Escola; Homossexualidade; Gênero.

6	A abordagem de gênero e o ensino de Geografia: possíveis diálogos com a formação de professores/as	MORAIS, Juliana Mendes de; SOUZA, Vanilton Camilo de.	Geografia Ensino & Pesquisa	2022	Processo Formativo; Docentes; Educação Geográfica; Geografias Feministas; Gênero
7	A mulher nos Documentos Oficiais Curriculares que Regulamentam e Constroem o Livro Didático de Geografia	BROCKES, Mariana	Revista Brasileira de Educação em Geografia	2023	Documentos Curriculares; Gênero; Livro Didático; Geografia
8	Os estudos de gênero na Geografia Escolar: uma Discussão com Professoras do Ensino Médio em Mossoró/RN	ARAÚJO, Ana Beatriz Barros de; FERNANDES, Maria José Costa	Revista Estrabão	2023	Gênero; Geografia Escolar; Ensino de Geografia; População
Total					8

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base em dados obtidos no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em abril de 2024.

Considerando a necessidade de integrar a produção foi possível a partir da leitura dos quadros acima, títulos, resumos e palavras-chave das teses e artigos localizados pela estratégia de busca, condensar e estruturar as informações extraídas em dois eixos: Geografia e Gênero e Geografia Escolar e Gênero. No eixo Geografia e Gênero se inserem uma tese e dois artigos. E no eixo Geografia escolar e Gênero três dissertações e seis artigos. Além disso, da leitura e observação dos temas abordados, principalmente com o objetivo de atender ao problema e aos objetivos da pesquisa, foi possível identificar, diversas temáticas que abordam a questão de gênero na perspectiva da Geografia e da Geografia escolar. Para uma visão geral sobre as temáticas encontradas, elaborou-se o quadro mostrado a seguir.

Quadro 3 – Temáticas Abordadas nos Estudos de Gênero da Área de Geografia

Eixos	Temáticas	Autores/as	T	D	A
Geografia e Gênero	Trajetória Acadêmica da Produção do Conhecimento Geográfico e Gênero	Cesar (2019)	01		

	Relações de Poder na Produção Geográfica e Gênero	Cesar e Silva (2021) Moreira (2022)			02
Geografia Escolar e Gênero	Gênero, Sexualidade e Escola	Escouto (2019) Além (2022)		02	
	Gênero, Sexualidade e Formação dos Docentes de Geografia	Fonseca e Nazário (2021) Moraes e Souza (2022) Araújo e Fernandes (2023) Silva (2023)		01	03
	Gênero, Documentos Curriculares e o Livro Didático de Geografia	Brockes (2023)			01
	Educação Geográfica e Gênero	Bezerra (2019) Fraga e Martins (2020)			02
Total de temas			01	03	08

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base em dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - CAPES - Banco de Teses e Dissertações e do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em abril de 2024. T (Teses), D (Dissertações) e A (Artigos).

A seguir, serão apresentados os eixos Geografia e Gênero e Geografia Escolar e Gênero destacando as temáticas correspondentes aos doze trabalhos selecionados para a pesquisa.

2 Geografia e Gênero

Neste eixo foram identificados uma tese e dois artigos que abordam as seguintes temáticas: Gênero e Trajetória Acadêmica da Produção do Conhecimento Geográfico e Gênero, Relações de Poder na Produção Geográfica, descritos a seguir.

2.1 Trajetória Acadêmica da Produção do Conhecimento Geográfico e Gênero

A pesquisa de doutorado realizada por Oliveira (2019), buscou esclarecimento para as seguintes questões: como o gênero compõe as trajetórias acadêmicas de pessoas centrais na produção do conhecimento geográfico brasileiro? De que forma o gênero marca a trajetória de pesquisadores centrais na produção do pensamento geográfico brasileiro? Como homens e mulheres produtores do conhecimento científico geográfico brasileiro entendem suas identidades de gênero na sua trajetória intelectual? A pesquisa qualitativa/quantitativa, utilizou como procedimentos o levantamento bibliográfico e entrevistas. O levantamento bibliográfico realizado no Banco de dados do GETE, atualmente denominado Observatório da Produção

Geográfica Brasileira. Foram selecionados 52 pesquisadores (as) dos quais 16 pessoas (7 homens e 9 mulheres) participaram da entrevista. A pesquisa mostrou que mesmo com a presença feminina na ciência geográfica, esse campo de estudo ainda é majoritariamente masculino e hierarquizado, assim como que nas publicações nos estratos de melhor classificação no sistema Qualis Capes os homens são responsáveis por 60% da produção científica nacional. Isso significa que mesmo havendo participação de geógrafas mulheres nas publicações científicas e na docência das universidades, é perceptível uma invisibilidade feminina na esfera acadêmica comparada a presença masculina. Além disso, reforça a ideia da diferença entre o fazer científico feminino e o masculino, visto que as trajetórias de vida das mulheres que atuam no campo científico são pautadas por diversas renúncias no âmbito familiar e pessoal. A autora conclui destacando a importância do gênero como um marcador social de indivíduos produtores de ciência, pois estes trazem consigo estigmas historicamente determinados pela sociedade, assim como a urgência de políticas públicas que garantam a equidade de gênero no ambiente acadêmico e na sociedade.

2.2 Relações de Poder na Produção Geográfica e Gênero

Cesar e Silva (2021) produziram um artigo com objetivo compreender o gênero associado as relações de poder na pesquisa científica geográfica brasileira. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada por meio da análise de estudos disponibilizados em periódicos on-line da área da Geografia Brasileira, no período de 1974-2015. Averiguou-se as ementas da disciplina de Epistemologia do curso de Geografia, no qual faz parte do projeto pedagógico de 60 programas de pós-graduação do Brasil. A revisão de literatura mostrou que o domínio masculino que se estabeleceu durante séculos foi paulatinamente sendo desestabilizado no decorrer do século XX. Foi somente a partir da segunda metade do século XX que ocorreu o crescimento da produtividade feminina no Brasil. Nesse aspecto, a pesquisa mostrou que em algumas regiões o número de mulheres no mestrado ultrapassa os homens e no doutorado a discrepância é baixa, bem como que as mulheres produzem muitos artigos científicos. No entanto, inexistente equidade nas publicações de artigos de periódicos de maior influência científica, pois as mulheres são mais representativas nos periódicos de menor qualificação. Além disto, a composição dos Conselhos Editoriais é formada majoritariamente por homens, dado que fazer parte corpo editorial de um periódico, significa ter poder de interferir na política de publicações e criar regras de avaliação daquilo que é considerado geográfico ou não. Como

dificuldades das mulheres na produção científica, as autoras apontam as implicações e o impacto do trabalho reprodutivo das mulheres na vida laboral. Ou seja, que as atividades domésticas de limpeza e organização da casa, preparo de refeições e cuidado de outros membros da família e as regras do mercado de trabalho científico, consideram exigências iguais para homens e mulheres desconsiderando, por conseguinte que o trabalho intelectual envolve muito mais horas de trabalho do que as dispensadas apenas no espaço das universidades. Ademais, constataram que o desempenho feminino das alunas de cursos de pós-graduação, não se reflete nas posições que ocupam como docentes e em cargos de coordenação dos programas de pós-graduação em geografia no Brasil.

Em relação as ementas das disciplinas de Geografia, as autoras verificaram o predomínio de geógrafos homens nas referências bibliográficas em relação às mulheres. Do total de 60% das ementas, 1804 referencias que correspondem a 90,3%, são obras masculinas e apenas 9,70% obras femininas. Dos (as) 30 autores (as) com maior impacto no campo da epistemologia da Geografia brasileira, 17 são geógrafos (as) brasileiros (as) e 13 internacionais e há apenas 4 mulheres nesse universo de geógrafos (as) que sustentam a ideia do que seja a geografia no Brasil. As autoras concluem afirmando que há forte feminização do campo da geografia em termos de presença feminina, posto que a hegemonia do perfil masculino tem sido tensionada com a entrada maciça das mulheres nas últimas décadas do século XXI e a emergência dos movimentos feministas deve manter esse jogo de forças em reconfiguração.

Moreira (2022), discute as contribuições da categoria gênero e de suas abordagens para o desenvolvimento da Geografia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica do tema e das categorias teórico-analíticas em estudo: Gênero e Território. A partir da exposição sobre o feminismo no Brasil, e de definições aplicadas ao conceito de gênero, o autor discute as relações de gênero e empoderamento como objetos da Geografia sublinhando a importância da compreensão das estruturas sociais que configuram territórios de poder e gênero diante de uma realidade ainda demarcada pela desigualdade de gênero Para a autora considerar os territórios de poder a partir do viés de gênero significa compreender que os espaços, especialmente os públicos, como locais de poder e fala, são construídos e mantido pelo patriarcado como símbolo de dominação e controle. Para transformar essa realidade, a autora destaca a importância da participação da mulher nos espaços públicos e do empoderamento como um instrumento importante para que elas se tornem as principais representantes nas ações políticas a partir da apropriação do espaço por uma ação conduzida nos territórios nos quais elas participem como protagonistas na luta pelo desmoronamento dos mecanismos de

subalternidade feminino. A autora conclui enfatizando que não “se muda uma sociedade apenas com a participação em uma escala micro do plano local, mas é a partir desse plano que se dá o processo de transformação coletiva”, posto que “é na espacialidade de um dado território que se concentram energias e forças sociais da comunidade, constituindo o poder específico daquela região; no lugar onde essas experiências ocorrem ele é a fonte” (Moreira, 2022, p. 199).

3. Geografia Escolar e Gênero

Este eixo foi constituído por duas dissertações de mestrado e seis artigos que abordam as seguintes temáticas: Gênero e Educação Geográfica; Gênero Sexualidade e Escola; Gênero Sexualidade e Formação dos Docentes de Geografia e Gênero, Documentos Curriculares e o Livro Didático de Geografia.

3.1. Educação Geográfica e Gênero

Bezerra (2019), realizou uma pesquisa com o objetivo de compreender as barreiras que a educação geográfica construiu espacialmente ao longo dos anos sobre questões de gênero e apontar perspectiva para sua expansão. Segundo a autora pensar em uma educação geográfica crítica pressupõe compreender as múltiplas existências presentes na sociedade, a partir de uma discussão sobre gênero que de voz a grupos sociais minoritários e historicamente silenciados. Para tanto, sugere educação geográfica que se contraponha ao negligência da diversidade performática que ecoa sobre as mais variadas violências: simbólica, psicológica, física, que cerceada pelo reprodutivismo, escolhe o silêncio limitando, por conseguinte o potencial da geografia escolar de ensinar para a vida. Nessa perspectiva a autora destaca a importância de se discutir gênero pelas vias da interdisciplinaridade do ensino de geografia com a literatura e do diálogo com o imaginário cultural, pondo em xeque amarras e ideologias que limitam as possibilidades de desvendar múltiplas espacialidades.

O artigo de Fraga e Martins (2020), se propõe a realizar uma investigação sobre categoria de gênero e a sua abordagem na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, com objetivo analisar a relação entre educação geográfica nos periódicos da área de Geografia entre os anos de 2010 e 2019. A pesquisa de natureza qualitativa utilizou como procedimento a revisão bibliográfica e análise documental. As autoras registam que as diferenças biológicas e físicas entre os sexos serviram de pilar para a inferiorização e invisibilidade das mulheres em

relação aos homens ao longo da história. Contudo, a discussão sobre gênero foi introduzida na sociedade contemporânea a partir da primeira onda do movimento feminista e por meio de manifestações das sufragistas no início do século XIX, quando as mulheres ocuparam as ruas reivindicando o direito ao voto. A partir de então a categoria gênero passou a ser considerada pelas estudiosas feministas como algo construído socialmente para se contrapor à naturalização da opressão feminina. As pesquisadoras ressaltam que no campo da Geografia ainda é majoritariamente masculina e, por mais que as mulheres venham ganhando seu espaço nessa trajetória, as questões de gênero ainda são pouco trabalhadas e problematizadas. Já que no ambiente escolar as discussões sobre gênero ainda encontram obstáculos para serem inseridas, por considerarem que os debates de gênero constituem uma ameaça social. As autoras concluem enfatizando que é indispensável trabalhar a temática de gênero na geografia uma vez que as relações de gênero influenciam nas formas de ocupação do espaço, a partir das relações traçadas nesse, e que a geografia como ciência compreende as formas da apropriação desse espaço. Em particular na educação geográfica a medida em que os estudos de gênero permitem que os/as estudantes compreendam as diferentes formas de empoderamento do local por parte dos diferentes grupos sociais. E nesta perspectiva que geografia escolar pode cumprir seu papel importante de formar estudantes críticos(as) e conscientes do seu papel na sociedade, posto que os conhecimentos da geografia associados às questões de gênero, contribuem para a formação de sujeitos preparados para reconhecer e respeitar uma sociedade plural.

3.2 Gênero, Sexualidade e Escola

A dissertação de Escouto (2019), investigou como os professores de Geografia estão lidando no espaço escolar com questões tão em evidência como gênero e sexualidade em sala de aula. Nessa perspectiva, aborda o ódio às diferenças destacando a de extrema violência para com as diversidades que impera na sociedade atual, a exclusão das expressões “diversidade sexual” e “identidade de gênero” do Plano Nacional de Educação, e ausência dessas expressões Base Nacional Comum Curricular. A pesquisa de natureza qualitativa utilizou como procedimento entrevistas reflexivas realizadas com professores da rede pública de ensino com objetivo de apreender o que eles compreendem sobre identidade de gênero e orientação sexual, como trabalham essas questões na sala de aula, e que ações utilizam para o combate da homofobia. A autora ressaltar que as declarações machistas, homofóbicas, misóginas e racistas proferidas pelo presidente eleito da época, Jair Messias Bolsonaro ameaçaram ainda mais a

existência da população LGBT. A pesquisa mostrou que a escola é um reflexo da sociedade, sendo composta por múltiplas diversidades e não adianta impedir que as questões de gênero sejam debatidas na sala de aula. No entanto, por ser predominante na Geografia Acadêmica uma visão baseada no discurso masculino, branco, cristão e burguês, as questões gênero ainda permanecem alheias ao discurso Geográfico. Por consequência, a Geografia Escolar carece de subsídios para trabalhar essas temáticas colocadas muitas vezes pelos próprios alunos frente aos conflitos e contradições sociais que vivenciam. Daí a carência de uma formação mínima dos professores para lidar com essas questões que reverberam no espaço escolar. Contudo, os professores não ficam inertes diante de episódios homofóbicos. Dialogam e combatem como podem o desrespeito à diversidade, mesmo com receio a represálias em tempos de “Ideologia de Gênero”, continuam sua luta por uma educação que respeite a todos.

A pesquisa de Além (2022), teve como objetivo analisar os dizeres sobre gênero e sexualidade dos e das professoras de Geografia da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul buscando um diálogo teórico metodológico com as epistemologias feministas, das sexualidades e estudos Queer. A metodologia de caráter qualitativo utilizou como procedimentos o levantamento bibliográfico e questionários semiestruturados. O levantamento bibliográfico teve como foco a constituição da Geografia como ciência na modernidade destacando a emergência dos gêneros e das sexualidades nos debates contemporâneos dessa ciência, e análises das políticas públicas educacionais desde o aparecimento do tema transversal Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) até a versão vigente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os questionários semiestruturados foram aplicados a 15 docentes da rede pública do estado de Mato Grosso do Sul e realizadas conversas indiretas com 4 desses profissionais da educação. A pesquisa mostrou que há um apagamento no que tange as questões de gênero e sexualidades no âmbito da Geografia Moderna, e que na atualidade com as temáticas gênero e sexualidade se tornaram polêmicos e sensíveis de serem abordados na escola em consequência do avanço do conservadorismo no Brasil, impulsionado pela “Escola sem partido” e pelas bancadas mais conservadoras no poder. Embora os docentes apontaram uma carência em sua formação no que se refere às discussões sobre o gênero e a sexualidade, há uma predisposição desses docentes em discutir sobre essas questões na escola, principalmente para combater a violências no cotidiano escolar e na sociedade civil. Nesse sentido, os educadores afirmaram ser possível do ensino de Geografia se tornar aliado ao processo de ensino-aprendizagem na luta contra o preconceito e a homofobia, respeitando e garantindo a existência, sobretudo de sujeitos pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+.

3.3 Gênero, Sexualidade e Formação dos Docentes de Geografia

A pesquisa de Fonseca e Nazário (2021), teve como objetivo principal investigar o posicionamento dos professores/as de geografia em relação a temática gênero e como a ausência ou presença dessas discussões na sua formação inicial ou continuada interfere nas suas práticas pedagógicas. A pesquisa qualitativa foi realizada com base em questionários enviados por e-mail e entrevistas semiestruturadas individuais. A pesquisa mostrou que embora a temática se faz presente nas aulas de Geografia, e em outras disciplinas, como Biologia e Sociologia, gênero e a sexualidade são saberes muitas vezes ignorados pelos profissionais de educação. As autoras registram que os motivos que levam a isso são variados. Com relação a Geografia apontam como motivo o fato de que não há significativo número de pesquisas relacionadas às questões de gênero e sexualidade. O que se reflete nas grades curriculares e disciplinas ofertadas na formação inicial dos educadores e educadoras. Apontam também que a temática quando não está ausente nos livros didáticos eles a abordam, muitas vezes, de forma inadequada, principalmente, quando retratam as questões das mulheres. Nessa perspectiva, a pesquisa mostrou que no Estado do Paraná as Diretrizes Curriculares da disciplina geografia não apresenta nenhuma menção ao ensino de gênero ou sexualidade, o que dificulta ainda mais a abordagem dos (as) professores (as) em sala de aula, posto que não há uma diretriz para orientar o trabalho dos professores em sala de aula. Nesse sentido, a pesquisa destaca a necessidade da discussão sobre questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores para que sejam aptos a abordar o tema nas suas práticas pedagógicas, visto que das respostas obtidas nos questionários e entrevistas foi apreender que as (os) profissionais de educação não tiveram nenhum ou pouco contato com essas temáticas.

A pesquisa de Silva (2023), buscou compreender como as temáticas de gênero, raça/etnia e sexualidade aparecem nos documentos normativos dos cursos de Licenciatura em Geografia ofertados pelo Sistema Estadual de Ensino Superior do Paraná. A pesquisa revelou a existência de resistências principalmente, epistemológicas no campo das pesquisas sobre as temáticas de gênero e sexualidade, se faz presente nos documentos normativos dos cursos de Licenciatura em Geografia. Dentre as universidades pesquisadas a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) foi a que mais se destacou por trabalhar as temáticas aqui mencionadas. Todavia, ainda que nesta instituição pode-se constatar maior destaque para a temática, pode constatar que a carga horária das disciplinas obrigatórias destinada para as temáticas de gênero,

raça/etnia e sexualidades, resume-se à 06 (seis) horas. O que evidencia a superficialidade das temáticas de gênero e sexualidade na formação destes profissionais

O artigo de Moraes e Souza (2022), tem como objetivo discutir a abordagem de gênero, a partir das interpelações das Geografias Femininas na formação inicial e continuada dos professores/as de Geografia. Segundo os autores a recorrência as interpelações das Geografias Feminista decorre da necessidade de focalizar as espacialidades de grupos que até então não estavam em destaque. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no período de 2005 a 2018. A pesquisa apontou como caminho produtivo para abordagem de gênero, a proposição de estudos e pesquisas a forma de produzir e de elaborar conhecimentos que possibilitem uma prática da/do docente em sala de aula voltada para a apropriação crítica pelos alunos da categoria gênero e dos significados atribuídos nas práticas socioespaciais em que se inserem.

Araújo e Fernandes (2023), abordam o tema gênero focalizando a perspectiva de professoras de Geografia que atuam no Ensino Médio em escolas públicas de Mossoró/RN. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada utilizando como procedimentos o levantamento bibliográfico de textos acadêmicos e livros que discutem a temática Gênero, Geografia Feminista e de Gênero, Gênero na Geografia Escolar, e entrevistas realizadas com cinco professoras de Geografia por meio de um formulário enviado via Google *Forms*. A pesquisa mostrou que de maneira geral, no curso de Geografia, não houve iniciativas expressivas dentro das disciplinas curriculares, em projetos e programas formativos que tratassem a questão de gênero com os alunos universitários; que embora a produção da Geografia Feminista e de Gênero tenha crescido nos últimos anos, nos cursos de formação de professores de Geografia raramente são trabalhadas disciplinas voltadas ao tema gênero e que são poucas as indicações bibliográficas femininas; apenas recentemente a temática vem sendo introduzida nos espaços universitários e eventos científicos, se comparada a outros países, a geografia brasileira ainda é inexpressiva quanto à contribuição nessa linha de pesquisa. No que se refere a Geografia escolar a pesquisa apontou como inexpressiva as ações das gestões e/ou corpo docente no combate à desigualdade de gênero na escola. Nesse aspecto, as autoras ressaltam que apesar de simbólico o posicionamento das professoras em relação ao papel docente no que tange a desigualdade de gênero, as respostas em torno das atividades desenvolvidas na disciplina escolar não foram esclarecedoras para se considerar o gênero como um tema presente na disciplina de Geografia, especificamente, das escolas públicas de Ensino Médio localizadas no

município de Mossoró/RN. Ainda que, conforme enfatizam as autoras, os estudos populacionais apresentam um arcabouço teórico rico para a discussão de gênero, além do mais esse conhecimento também pode ser trabalhado articulado a outros saberes. Em síntese a pesquisa apontou a resistência em discutir temas como o gênero como resultado do apego epistemológico a concepções que privilegiam a perspectiva dos atores hegemônicos, a dominação masculina em cargos de poder e trabalhos de reconhecimento científico, a predileção as formas materiais do espaço, entre outros, que permitem afirmar que a Geografia brasileira se trata de uma ciência androcêntrica.

3.4 Gênero, Documentos Curriculares e o Livro Didático de Geografia

O artigo de Brockes (2023), discute as concepções de gênero que fundamentam documentos curriculares oficiais que contribuem para a elaboração dos livros didáticos de Geografia, aprovados e distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), com objetivo de apreender a qualidade das discussões de gênero, problematizar sua ausência e compreender os processos de construção dos discursos presentes nesses documentos curriculares oficiais. Partindo do entendimento de gênero e geografia, são inseparáveis, a autora ao conceber a Geografia como uma ciência que estuda seres humanos e sua interação com o espaço geográfico, a autora ao argumentar que o espaço não é neutro do ponto de vista do gênero, ressalta necessidade incorporar a compreensão do espaço com construto social as diferenças sociais entre mulheres e homens e as diferenças territoriais nas relações de gênero desde a escala local (utilização do espaço cotidiano, por exemplo) a global (movimentos migratórios transnacionais). Nessa perspectiva, destaca a mulher como grande campo de estudo da Geografia. Ainda que a naturalização da desvalorização do feminino na Geografia brasileira ainda seja impregnada pela subjetividade colonial, difundida como inquestionável pelos conteúdos curriculares obrigatórios. Nesse sentido, considerando que a Geografia e o ensino de Geografia têm um papel significativamente importante diante a sociedade brasileira atual, a autora destaca a escola como um ambiente de fomento à criticidade e de formação cidadã configura-se como um espaço apropriado para se empregar esforços em direção a uma sociedade mais igualitária. Nesse aspecto, aponta o livro didático como um dos pilares da escola e da educação brasileira, visto que em determinadas realidades ele o único material de consulta para muitas/os estudantes e professoras/es, ainda que este artefato cultural, não seja livre de subjetividade, que em suas entrelinhas traduz conceitos e ideias e imagéticas machistas

e eurocêntricas. Nessa perspectiva, a pesquisa apontou que se comparada a outras discussões de caráter social e de luta contra a desigualdade de minorias sociais, questões étnico-raciais, indígenas, de pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva, diversidade religiosa a discussão de gênero é mal representada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Igualmente que na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da área de conhecimento de Geografia, especificamente os anos finais do Ensino Fundamental, a palavra gênero é majoritariamente usada para se referir aos gêneros textuais. Dessa forma o documento BNCC tende a não adereçar diretamente questões de gênero, visto que termos genéricos para tratar de diferenças sociais colocando em uma mesma categoria de discussão, termos como ‘desigualdade’, ‘diversidade’ e ‘diferença’. Assim, considerando a supressão em relação a quantidade de referências ao gênero, entre a primeira a e última versão da BNCC, isto pode ser compreendido como uma pressão para que assuntos de gênero sejam suprimidos e/ou incorporados ao documento de maneira genérica, por termos como, “diversidade”, “diferença”, “desigualdades” e “direitos humanos.” O que fruto não do acaso, mas de uma política de silenciamento de movimentos sociais contrários ao ideário daqueles em posição de poder, visto que entre o Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010 e o PNE 2011-2020, houve a diminuição de temáticas relacionadas ao gênero. A autora conclui afirmando que nos documentos curriculares oficiais as questões de gênero não estão sendo completamente ignoradas, que estão distantes de atingir o seu ideal. Assim como que generalização de diferenças dificulta que professoras/es e profissionais da educação consigam em meio sua rotina, identificar e atuar nas questões específicas de desigualdade e diversidade. Daí a necessidade de nos mobilizar pelo aprimoramento destes documentos, entendê-los e lutar pela sua manutenção, de forma consciente e ativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi o de buscar compreender o que tem sido discutido sobre gênero nas pesquisas da área de Geografia que o tomam como objeto de investigação.

Todo o meu envolvimento com a pesquisa, desde a reformulação do projeto inicial até a configuração final, consistiu, em aproximações sucessivas do objeto que buscava compreender, ou seja, Gênero e produção geográfica brasileira. Nesse sentido, considero que, mesmo diante da exiguidade de tempo para elaborar trabalho sobre um tema complexo, as

leituras possibilitaram ampliar meu conhecimento sobre o tema e permitiram chegar a algumas conclusões preliminares a partir da leitura da produção acadêmica selecionada.

No que refere a Geografia pode-se apreender que a ciência geográfica foi construída na modernidade, porém, entre outras questões, Geografia Tradicional ao conceber a sociedade como neutra, assexuado e homogênea, ignorou as diferenças que existem entre homens e mulheres, ocasionado a exclusão das mulheres na elaboração dessa ciência. Fato que somente foi colocado em questão na década de 1970 com emergência da discussão sobre gênero no âmbito das abordagens das Geografias Crítica, Humanista e Cultural do pensamento Geográfico.

Nesse aspecto, a pesquisa mostrou a significativa contribuição das geografias feministas dos países anglo-saxões para o avanço da reflexão das relações sociais de gênero intimamente associadas ao processo de produção e transformação do espaço. Caminho obviamente desafiador, e ainda pouco consolidado nas produções científicas da geografia brasileira.

Em relação a formação dos professores de geografia, as pesquisas apontaram a ausência da discussão sobre gênero nos cursos de graduação e pós-graduação. Embora a maioria dos professores e professoras apontaram os conteúdos de Geografia Humana como possibilidade de abordar questões de gêneros e sexualidade. Nesse sentido os resultados apontam para a necessidade de inserção destas temáticas nos currículos e programas dos cursos de Geografia. Verificou-se também, que mesmo com a crescente participação feminina da docência, nas pesquisas no campo da Geografia e na ocupação de espaços institucionais de ensino superior, as abordagens sobre gênero ainda não atingiram o seu potencial desejado. Um dos motivos para que isso ocorra, é a ótica dominante masculina que dita o que é considerado conhecimento científico válido para a ciência geográfica brasileira. Por isso, a escolha dessa temática de pesquisa se faz necessária para romper com fundamentos arcaicos que impedem que os estudos sobre gênero avancem e abram novos caminhos e possibilidades de discussão e reflexão em uma sociedade plural.

Quanto a Geografia escolar embora os autores reconheçam a importância de trabalhar a temática, posto que as relações de gênero influenciam nas formas de produção e ocupação do espaço, pode constatar como obstáculo para abordagem do tema o fato de que, geralmente os debates de gênero são considerados ameaça social. Por consequência, os professores pouco trabalham e problematizam conteúdos relacionados as questões de gênero. Além disso, a análise dos documentos que norteiam a prática pedagógica dos professores demonstrou que na versão atual da Base Nacional Comum Curricular houve a exclusão dos temas gênero e sexualidade de

todo o texto. O que demonstra o crescimento do conservadorismo presente nas relações de poder, cujo representante é o homem-branco-heterossexual-ocidental.

Por fim, cabe destacar que embora sejam relativamente recentes as pesquisas sobre Gênero e Geografia, uma questão crítica evidenciada na pesquisa foi a constatação dos limites da formação de professores e ausência de uma formação continuada sistemática para melhor compreensão das questões relacionadas a gênero. Nessa perspectiva a pesquisa apontou para a necessidade de maior investimento de estudos relacionados sobre a Formação dos professores de geografia, em particular no diz respeito a forma de trabalhar questões de gênero associando-as as conceitos chaves da geografia no processo de formação de professores; ao modo de contribuir por meio do ensino de geografia para desconstrução e reconstrução de valores vigentes em uma sociedade em que a mulher permanece à margem e em uma relação de poder historicamente definida, ou seja, para romper concepções permeiam os espaços acadêmicos onde são reproduzidas formas de ensinar e aprender Geografia, em que o gênero não tem recebido o devido reconhecimento. Enfim, questões que mesmo considerando os limites deste trabalho nos motiva a dar continuidade aos estudos. Contudo, ressalta-se a necessidade de uma revisão mais ampliada e aprofundada sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ALÉM, Yuri Gabriel Vieira et al. **Geografia das sexualidades: desafios e estranhamentos no contexto escolar**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/551>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- ARAÚJO, A. B. B de; FERNANDES, M. J. C. Estudos de gênero na Geografia Escolar: Uma discussão com professoras do Ensino Médio em Mossoró/RN. **Estrabão**, v. 4, p. 758-767, 2023. Disponível em: <https://revista.estrabao.press/index.php/estrabao/article/view/165>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BEZERRA, T. C. G. (2019). DO TRADICIONALISMO À POSSIBILIDADE DE SUBVERSÃO: DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS ENTRE GEOGRAFIA E GÊNERO. **Revista Ensino De Geografia (Recife)**, 2(1), 55–68. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/article/view/240867>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BROCKES, M. (2023). A mulher nos documentos oficiais curriculares que regulamentam e constroem o livro didático de Geografia. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, 13(23), 05–26. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1248>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- CAMPOS, L. B.; DAVI, R. R., & LEMOS, T. C. S. (2017, 19 a 20, julho). **Estudo de gênero no ensino de geografia**. [apresentação de trabalho]. 3º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: O lugar e as disputas da cultura no espaço. Anais... UNIFAL, Alfenas, Minas Gerais.
- CAPEL, H; et al. **Las Nuevas Geografias**. Barcelona: Salvat Ediciones Generales S.A, 1991.
- CESAR, T. R. A. de O., & SILVA, J. M. (2021). Geografia brasileira, poder, gênero e prestígio científico. **Revista Da ANPEGE**, 17(32), 244–258. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12473>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **GÊNERO, TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E A CENTRALIDADE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO**. 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2824>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. SP: Difel, 1985.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural: O estado da arte**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999, pp.59-57.
- ESCOUTO, Cláudia Maliszewski. **A Geografia já saiu do armário? diálogos sobre gênero, sexualidades e escola**. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197407>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- FONSECA, Murilo Noli da; NAZÁRIO, Daiane. A ABORDAGEM DE GÊNERO E SEXUALIDADE POR DOCENTES DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CURITIBA (PARANÁ). **Revista de Geografia (Recife)**, v. 38, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/250983/39902>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FRAGA, Amábili; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. As relações e os atravessamentos das questões de gênero no ensino: uma análise da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 262-285, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/15230/209209213612>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FRANCO Garcia, María. **A Luta pela Terra sob enfoque de gênero**. Os lugares da diferença no Pontal Paranapanema. Tese de doutorado em Geografia, Unesp, Presidente Prudente, 2004

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Quantidade-Qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica**. In: GAMBOA, Silvio Sánchez, Santos Filho, José Camilo dos (orgs.). *Pesquisa educacional: qualidade-quantidade*. São Paulo, Cortez, 2009, pp. 84-110.

GARCIA, Antônia dos Santos. **Mulheres da cidaded' Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2006. interdisciplinaridade. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. v. 1. 313 p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LIMA, T.C.S de; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Katál, Florianópolis, v.10, esp, 2007.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. In: Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

MCDOWELL, L. Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MELLO, João Batista F. de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de Geografia**. RJ. IBGE, 1990.

MENDOZA, J.G et al. **El pensamiento geográfico**. 2. ed. Madrid: Ed. Alianza Universidad, 1988.

MORAIS, J. M. de, & SOUZA, V. C. de. (2022). A abordagem de gênero e o ensino de geografia: possíveis diálogos com a formação de professores/as. **Geografia Ensino & Pesquisa**, 26, e 20. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/65813>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MOREIRA, Ozileide Matos. O gênero para a geografia: por uma ciência feita com, por e para mulheres. **Revista da ANPEGE**, 2022. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/13293>. Aceso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Walter. **Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção**. In: Janus, Lorena, ano, nº 1 2004

NABOZNY, A. **Espaço urbano, política e intersecções de gênero**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – Gênero e Preconceitos. Florianópolis, anais do evento. Florianópolis: Editora Mulheres. Agosto de 2006. 7 p.

NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio Jose. GEOGRAFIA E GÊNERO: da crítica à racionalidade à aproximação pós-estruturalista. In: Mercator - **Revista de Geografia da UFC**, ano 08, número 15, 2009.

PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Míriam Pilar. Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinariedade. Florianópolis-SC, Editora das Mulheres, 1998.

PITANGUY, Jacqueline. **Movimento de mulheres e políticas de gênero no Brasil**. Cepal/Eclac. Mujer y Desarrollo, s. 1., p. 30, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Maria Lopes. **Estudos de gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 38, p. 14, jul./dez. 2015.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação**. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, n. 19, p.37-50, 2006.

ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia à geografia crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1990.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço - Técnica e Tempo/Razão e Emoção**. São Paulo, HUCITEC, 1996.

SAVIANI, D. **Os balanços na histografia da educação brasileira: sentidos e perspectivas**. In: NEPOMUCENO, M.A.; TIBALLI, E. F. (org). Educação e seus sujeitos na história. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

SCHEFLE, **Maria de Lourdes Novaes. Mulheres guardiãs da terra e da vida: proposições para uma análise do espaço na perspectiva de gênero**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: **EDUCAÇÃO e realidade**. V.20, nº. 2, 1995. Porto Alegre: UFRS, 1995, pp. 71 –97.

SILVA, J. M. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: Um desafio para a Geografia Cultural brasileira. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (org) Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 2005a. p. 173-189. _____. Feminização das Periferias Pobres: Gênero e Sexualidade como Elementos para Desenvolvimento de políticas urbanas Contemporâneas. In: VI Encontro Nacional da ANPEGE, Fortaleza, anais do evento. Fortaleza: Expressão Gráfica, setembro de 2005b. 16 p. _____. Um ensaio sobre as potencialidades do uso de gênero na análise geográfica: Construindo uma geografia feminista brasileira. Revista História Regional. Ponta Grossa, n.1. v. 8, p.31-45. Verão de 2003.

SILVA, Joseli Maria. **Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades**. In: SILVA, Joseli Maria: Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009, p.25-54.

SILVA, Ritieli Pires da et al. **Gênero, raça/etnia e sexualidade na formação inicial de docentes de Geografia**. 2023.

SILVA, Ritieli Pires da. **Gênero, raça/etnia e sexualidade na formação inicial de docentes de Geografia**. 2023. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do

Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2023. Disponível em:
<https://tede.unioeste.br/handle/tede/6661>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SILVA, Susana Maria Veleda da. **GEOGRAFIA E GENERO/GEOGRAFIA FEMINISTA. O QUE É ISTO?** In: Boletim Gaúcho de Geografia nº 23 - AGB-PA -- Porto Alegre, p. 105, 1998.

SOJA, E. **Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** SP: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. SP: Difel, 1985.

VOSGERAU, D. S. R.; Romanowski, J. P. **Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.